



Cyberbullying e Alteridade na Escola: Um Estudo em Representações Sociais com Estudantes do Município de São José dos Quatro Marcos, Mato Grosso

Cyberbullying and Otherness at School: A Study in Social Representations with Students from São José dos Quatro Marcos City, Mato Grosso

Carlos Henrique Macena Barbosa +¹

¹ Faculdade de Quatro Marcos

+ **Author for correspondence:** psicarlos@ig.com.br

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi a abordagem das representações sociais do bullying e do cyberbullying e debater, assim, os impasses para a construção da alteridade, entre adolescentes, estudantes de escolas públicas do município de São José dos Quatro Marcos - MT. Foram realizadas entrevistas com participantes entre 14 e 17 anos de idade, durante o primeiro semestre de 2010. A Análise de Conteúdo Temática foi o método de análise de dados elencado para a avaliação de núcleos de sentido, entorno dos quais, gravitavam outras ideias, para a explicação das representações sociais do bullying, do cyberbullying e das correlações possíveis destas com o lidar com a diferença, no âmbito escolar. Os resultados evidenciaram que o uso da Internet pelos sujeitos de pesquisa e as relações intergrupais, na escola, estão, fortemente, relacionados. A "zoação" e a colocação de apelidos, entre os estudantes, pareceu ser a via privilegiada para lidar com o diferente, que era zoadado, no espaço virtual, por não ser bem quisto ou aceito, dentro de um grupo. Pautadas pelo desprestígio e desrespeito à integridade moral, as zoações tinham colegas adolescentes e professores como alvos principais, sendo esta realização justificada, para os entrevistados, autores de tais atos, por ser "algo natural da adolescência".

Palavras-chaves: Representações sociais; Bullying; Cyberbullying; Alteridade; Adolescência.

Abstract

The aim of this research was the approach of social representations of bullying and cyberbullying and discusses, thus, the impasses for the construction of otherness, among adolescents, students from public schools from São José dos Quatro Marcos City–MatoGrosso State. It was performed interviews with participants between 14 and 17 years old, during the first semester of 2010. The Thematic Content Analysis was the method of data analysis listed for the evaluation of sense nucleus, around which, other ideas gravitated, for the explanation of social representations of bullying, cyberbullying and possible correlations of these with the dealing with the difference, at the scholar ambit. The results showed that the use of the Internet by research subjects and the intergroup relations, at school, are strongly related. The "teasing" and the placement of nicknames, among students, seemed to be the privileged way to deal with the different, who was mocked, in virtual space, for not being well-liked or accepted, within a group. Guided by discredit and disregard to the moral integrity, the teasings had teenager colleagues and teachers as main targets, being this realization justified, for the interviewees, authors of these acts, for being "something natural from adolescence".

Keywords: Social representations; Bullying, Cyberbullying, Otherness; Adolescence.

Introdução

Este trabalho é fruto de uma das vertentes de pesquisa do projeto "As múltiplas faces da violência na escola", intitulada "O uso da Internet e alteridade na escola", ainda, em desenvolvimento pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação e Sociedade (NIPES), da Faculdade de Quatro Marcos (FQM/MT).

A referida proposta de estudo surgiu, a partir de inquietações intelectuais, fomentadas pela convivência dos pesquisadores do NIPES com uma série de relatos, proferidos por professores, de casos de violência, entre grupos de adolescentes, em escolas do município de São José dos Quatro Marcos. Estes "desabafos" tiveram como autores coordenadores e diretores de instituições de ensino do município de São José dos Quatro Marcos, assim como de municípios circunvizinhos.

Com relação aos professores, diferentes foram as reações, apontadas pelos mesmos, diante da convivência diária com a violência nas escolas, onde trabalhavam. Muitas queixas relevantes, que ilustraram o grande vulto alcançado por este grave problema, foram obtidas durante consultoria em Psicologia Escolar, realizada pelo coordenador do NIPES, em uma escola de um município vizinho ao de São José dos Quatro Marcos. A requisição deste apoio profissional foi realizada pelo corpo diretivo da escola, tendo sido feito um verdadeiro "pedido de socorro", em nome de toda a equipe, para obterem algum tipo de auxílio para lidarem com um cotidiano de altos índices de violência, sobretudo, entre adolescentes, na escola. Este fato se deu em virtude da perplexidade e estagnação, geradas pela falta de um ferramental teórico-prático, diante deste fenômeno, que permitisse entendimento e possibilidades de intervenção. Na maioria das vezes, os eventos violentos, entre alunos, ocorriam em sala, no recreio e na saída da escola, estando eclipsadas, para os professores, as causas de tais atos.

Muitos professores mostraram o desejo de deixarem a profissão por não mais conseguirem realizar seu trabalho por

serem agredidos e desrespeitados, diuturnamente, por seus alunos, em classe.

Então, as seguintes questões de pesquisa foram postas: os casos de violência, nas escolas da região indicada, poderiam ser classificados como bullying? Se assim for, qual a sua dinâmica e conteúdos? Há o desenvolvimento de cyberbullying entre alunos? O que a eventual ocorrência de bullying poderia evidenciar sobre a construção de vínculos grupais e o lidar com a diferença nas escolas?

Assim sendo, o objetivo desta pesquisa foi iniciar um estudo amplo para o entendimento da ocorrência de bullying, entre adolescentes, nas escolas, e de sua forma mais atual que é o cyberbullying. Primeiramente, foram pesquisados estudantes de escolas públicas do município de São José dos Quatro Marcos – MT.

São apresentados, neste artigo, resultados parciais da Linha e Projeto de Pesquisa, já indicados no início do texto, em torno das análises de entrevistas com adolescentes, de intento exploratório e descritivo, tendo sido enfocadas as representações sociais no âmbito da prática do bullying e/ou do cyberbullying. Buscou-se, neste estágio da pesquisa, a realização mais de um mapeamento de categorias de pensamento e de sentido, para ulteriores passos, que serão dados, em vias do aprimoramento e do aprofundamento de análises, demandadas pelo Projeto de Pesquisa pontuado, linhas antes.

Foi utilizada como marco teórico de análise, a articulação da Teoria das Representações Sociais com resultados de estudos interdisciplinares sobre a família, a infância e a adolescência contemporâneas, assim como com literatura sobre a dinâmica psicossocial no âmbito escolar. Este esforço analítico debruça-se sobre a busca pelo entendimento da dinâmica do bullying e do cyberbullying, entre estudantes de São José dos Quatro Marcos, indicativos das modalidades de construção de relações

sociais, na escola, e dos impasses para a construção da alteridade, neste contexto.

Métodos

Teoria das Representações Sociais

Corrêa et al. (2007) colocam que, a noção de representação social, está permeada na Sociologia, na Psicologia Social e na Antropologia para o pensamento, ora da supremacia do social sobre o individual, ora da preponderância do individual sobre o social. Alexandre (2001, apud Corrêa et al., 2007) coloca que, primeiramente, o termo "representação social" foi elaborado por Durkheim e ficou esquecido por longo tempo, somente sendo retomado por Serge Moscovici na década de 1950 no campo da Psicologia Social.

Para Moscovici (1978, apud Corrêa et al., 2007), as representações sociais circulam pelo gesto, pela fala, no universo cotidiano. Estão nas observações e nas análises, guiando o comportamento e lhes dando sentido. Fornecem meios para remodelar o ambiente no qual se inserem os comportamentos. É o posicionamento da consciência subjetiva nos espaços sociais, gerando percepções por parte dos indivíduos. Há em Moscovici (1978, apud Corrêa et al., 2007) ênfase igual ao social e ao individual para o entendimento do processo de construção das representações sociais.

Moscovici (2003, apud Almeida, Santos e Rossi, 2006) coloca que, a finalidade das representações sociais, é tornar o não-familiar em familiar, ou seja, a dinâmica das representações sociais é a dinâmica da familiarização. Isto se refere ao universo consensual no qual os grupos sociais se inscrevem. Ganha importância o passado e a memória. As coisas são percebidas e compreendidas como relacionadas a prévios encontros e paradigmas. A Teoria das Representações Sociais permite a descoberta de como indivíduos e grupos podem construir uma realidade estável e previsível, num

contexto de diversidade, estranheza e imprevisibilidade, isto é, através de crenças, valores e imagens.

Participantes

Foram entrevistados, até o momento, 15 adolescentes, com idades entre 14 e 17 anos, tendo sido convidados a participar da pesquisa pelo critério de estarem matriculados em alguma escola da rede pública de ensino de São José dos Quatro Marcos. Este parâmetro foi julgado pertinente, pois representou a faixa etária, na qual estava compreendida a maior parte dos autores de casos de violência nas escolas, relatados por professores da região.

Coleta de dados

O material empírico foi conseguido mediante a realização de entrevistas semiestruturadas com adolescentes, durante o primeiro semestre de 2010, estudantes da rede de ensino público do município de São José dos Quatro Marcos. Todos os adolescentes, convidados para serem sujeitos da pesquisa, desta participaram, mediante a permissão dada por seus pais ou responsáveis, após terem analisado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Análise dos dados

O método de análise de dados utilizado foi o da Análise de Conteúdo Temática, para a avaliação dos núcleos de sentido, entorno dos quais, gravitam outras idéias, para a explicação das representações sociais (Cavalcanti, Gomes e Minayo, 2006). No presente estudo, este método teve a função de permitir a realização do objetivo da pesquisa, que foi o de explorar e descrever, inicialmente, as representações sociais da violência intergrupala, nas escolas, construídas pelos adolescentes pesquisados.

Resultados e discussão

A sociedade contemporânea pode ser definida como uma sociedade

extremamente violenta, sem distinção de classe ou de setor sociais, ou seja, para Minayo é uma “questão social” (2004, p. 646). A Organização Mundial da Saúde (OMS) declara que a violência traz sérias conseqüências para a saúde de indivíduos, famílias, comunidades e países. Consiste em um importante problema de Saúde Pública no mundo, sendo fator de risco para o desenvolvimento humano que causa danos à saúde física e mental (Pinheiro, 2006).

As dinâmicas de eventos violentos envolvendo adolescente, que mais chamaram a atenção nos relatos dos professores, puderam ser classificadas como bullying, sendo este:

“(...) um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, como chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir, que ocorrem entre colegas sem motivação evidente, e repetidas vezes, sendo que um grupo de alunos ou um aluno com mais força, vitimiza um outro que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender” (Lopes Neto, 2005; Smith, 2002, apud Antunes e Zuin 2008, p. 34).

O alcance do bullying ampliou-se para as comunidades virtuais, nas quais as humilhações são definidas como “cyberbullying” (Lopes Neto, 2005, apud Antunes e Zuin, 2008).

No contexto escolar, o bullying ou “intimidação” é, ainda, pouco estudado no Brasil, em comparação a outros países. Consiste num tipo de violência, que ocorre entre colegas de escola, que pode ser de caráter psicológico, físico ou sexual. Caracteriza-se pela repetição de atos violentos sofridos ou desferidos, em situações pautadas pela existência de desequilíbrio de poder, entre os alunos. As vítimas de bullying podem ter sérios comprometimentos quanto ao desenvolvimento acadêmico, social e emocional (Pinheiro, 2006).

Não há uma dicotomia necessária entre ser autor e ser vítima de bullying, pois, os alunos podem desempenhar os dois

papéis, de acordo com as circunstâncias. Os meninos usam, geralmente, mais a força física contra os alvos do bullying. Já as meninas, quando o praticam, usam artifícios mais sutis. Com relação às suas vítimas, podem fazer com que sejam excluídas do grupo, podem espalhar boatos sobre elas ou podem recorrer à difamação, para que os outros colegas delas se afastem (Pinheiro, 2006; Francisco e Liborio, 2009).

Para Pinheiro (2006), vítimas e autores de bullying no âmbito escolar, em grande maioria, estiveram expostos à violência intrafamiliar, seja como alvo de abusos ou como espectadores de um cotidiano de agressões entre pais ou responsáveis. A família é entendida como um dos espaços privilegiados para o aprendizado da violência, para além da idealização corrente, no tecido social, de ser o local, precisamente, da segurança, da proteção e do afeto, atribuições estas, também, feitas à escola.

As amizades, para os adolescentes entrevistados, serviam como instrumento para afastar a solidão, na escola. Assim, formavam um grupo coeso, possuidor de membros unidos pelo que faziam juntos, como jogar bola, conversar e, sobretudo, zoar. A zoação, a propósito, parece ser a principal atividade enquanto estão justos, na escola. Um dos motivos da zoação é quando eles “*não têm nada para fazer dentro da sala*”, assim, passavam a zoar colegas e professores.

Outra prática, que envolvia zoação, era a colocação de apelidos nos colegas. Os atributos ligados à aparência impulsionavam a colocação de apelidos, mostrando os adolescentes entrevistados, uma postura preconceituosa e discriminatória, diante do outro, ficando evidente na seguinte fala:

“(...) Ah!, tipo assim, se o cara tiver a orelha muito grande, chama ele de Dumbo, se tem cabeça, é cabeça, Júpiter é por aí” (...).

Todos disseram usar, frequentemente, a Internet, tendo sido identificado nesta, por eles, alguns pontos positivos e outros negativos. Os primeiros referiam-se às vastas possibilidades de obtenção de lazer, de informação e de conhecimento, tendo eles ressaltado o aspecto “rapidez”, como uma de suas principais características positivas da Rede. Já as presenças da “pedofilia” e de “ladrões”, configuram-se como o lado reprovável da Internet. O computador e o celular eram ferramentas indispensáveis para a socialização, dizendo um entrevistado que:

“(...) sem o celular você vai ficar sem conversar com seus amigos, parente”.

Este último ponto refere-se à uma das características essenciais do mundo contemporâneo, que seja a crescente tecnologia dos vínculos interpessoais (Castro, 2006, 2008).

De forma unânime, todos disseram fazer parte de alguma comunidade virtual, sendo as mais citadas as do Orkut e do MSN. Primeiramente, eles assinalaram que, nestas comunidades, eles trocavam fotografias e mandavam recados para os amigos. As comunidades virtuais estavam sendo usadas para complementar o caráter presencial da amizade, outrossim, serviam como ambiente propícios para namoros.

Porém, eles se sentiam desconfiados e reticentes com seus amigos virtuais. Estes eram menos confiáveis em relação aos amigos de “carne e osso”, já que podiam estar simulando uma identidade falsa e, assim, sendo enganados e manipulados – este um grande temor, despertando estados de alerta e de vigilância constantes.

Um dos dados mais importante desta pesquisa foi a constatação de que, as comunidades virtuais serviam, eminentemente, para zoarem, frequentemente, colegas da escola, ação que pode ser classificada como

cyberbullying. Quando alguém não era querido, passava a ser zoadado na Internet, mediante o comentário de fotos tiradas da vítima. Eram-lhes atribuídos apelidos, de cunho vexatório, para que fosse agredido, neste “espaço” de impessoalidade e impunidade. Os entrevistados admitiram que cometeram estes atos regularmente, sem medirem consequências, havendo, como exemplo, as seguintes falas:

“Tipo quando alguém tá muito feio, aí a gente fala ridículo, quando a foto tá feia a gente quer prejudicar a foto, a gente prejudica a foto”.

“Nois zoa, sei lá, a gente faz sacanagem com os outros. A gente pega fotos dos outros aí a gente põe carinha na frente (...)”.

Quando eles disseram que “é divertido fazer isso”, na verdade, estavam se referindo ao fato de que, muitos dos assuntos que eram discutidos, pelos adolescentes, em um grupo, estavam relacionados à zoações ocorridas, em comunidades virtuais, no dia anterior. Este contexto evidencia a profunda desconsideração do outro, ou seja, o desprestígio da alteridade na sociedade contemporânea (Castro, 2006). E, para eles, zoar alguém antipático ao grupo de pertença, em comunidades virtuais, era algo “natural”, “(...) porque, assim, adolescente ele é assim (...)”.

Conclusão

O mapeamento proposto de categorias de pensamento e de sentido, em torno de representações sociais da prática do bullying e do cyberbullying, nas escolas, assinalou uma realidade comum, entre os adolescentes estudados. Para eles, a “zoação” era uma maneira de ser diante do outro – diferente –, não desejável que fosse lhes direcionada. Muito desta realidade ficará por ser descoberto nos próximos passos da pesquisa, que aprofundarão as análises sobre as representações sociais em torno do bullying e do cyberbullying, entre

escolares. A questão do lidar com a diferença é o pano de fundo desta Linha de Pesquisa, pois o outro, nestas circunstâncias, é entendido como alguém que pode ser manipulado e desrespeitado para a satisfação de intentos agressivos e aniquilantes. Os estudos sobre a prática do bullying e do cyberbullying podem revelar muito da dinâmica social contemporânea, e, sobretudo, descortinar redes de sentidos e condições de subjetivação, que pautam fatores constituintes de uma visão de mundo dos adolescentes, na atualidade.

Referências

ANTUNES, Deborah Christina e ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicol. Soc.** [online]. 2008, vol.20, n.1, pp. 33-41. ISSN 0102-7182.

CAVALCANTI, Ludmila Fontenele; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Representações sociais de profissionais de saúde sobre violência sexual contra a mulher: estudo em três maternidades públicas municipais do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, 2006, v. 22, n. 1, p. 31-39.

CORRÊA, Alessandra Morgado Horta et al. Soldadinhos-de-chumbo e bonecas: representações sociais do masculino e feminino em jornais de empresas. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 11, n. 2, 2007.

CASTRO, Lucia Rabello de et al. A construção da diferença: jovens na cidade e suas relações com o outro. **Psicol. estud.** [online]. 2006, vol.11, n.2, pp. 437-447. ISSN 1413-7372.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Rev. Sociol. Polit.** [online]. 2008, vol.16, n.30, pp. 253-268. ISSN 0104-4478.

CAVALCANTI, Ludmila Fontenele; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Representações sociais de profissionais de saúde sobre violência sexual contra a mulher: estudo em três maternidades públicas municipais do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, 2006, v. 22, n. 1, p. 31-39.

FRANCISCO, Marcos Vinicius e LIBORIO, Renata Maria Coimbra. Um estudo sobre *bullying* entre escolares do ensino fundamental. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. 2009, vol.22, n.2, pp. 200-207. ISSN 0102-7972.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde. **Cad. Saúde Pública**, maio/jun. 2004, v. 20, n. 3, p. 646-647.

PINHEIRO, Fernanda Martins França. **Violência intrafamiliar e envolvimento em "bullying" no ensino fundamental** [Tese de doutorado]. São Carlos: UFSCar, 2006.